

I Simposio Interinstitucional de Investigación Científica em la Educación

**Alfabetização Integral nas dimensões pessoal, social e ambiental em unidades escolares
na cidade de Teresina – PI.**

Carmelita Torres de Lacerda Silva
Professora.carmelita@hotmail.com

Teresina-PI

2017

Índice

Resumo.....	3
Introdução.....	3
A alfabetização e seus conceitos.....	5
Alfabetização na dimensão pessoal.....	8
Alfabetização na dimensão social.....	9
Alfabetização na dimensão ambiental.....	10
Considerações finais.....	11
Bibliografia.....	13

Alfabetização Integral nas dimensões pessoal, social e ambiental em unidades escolares na cidade de Teresina – PI.

Silva, Carmelita Torres de Lacerda
Universidade Tecnológica Intercontinental-UTIC
professora.carmelita@hotmail.com

RESUMO: O artigo tem como temática a Alfabetização integral nas dimensões pessoal, social e ambiental em Unidades Escolares da zona leste da cidade de Teresina – PI. O problema geral da pesquisa está focado no que está acontecendo o processo da alfabetização integral nas dimensões pessoal, social e ambiental em Unidades Escolares na cidade de Teresina – PI? A pesquisa procurou responder as perguntas específicas do problema: a) Como está acontecendo a alfabetização integral na dimensão pessoal nas Unidades Escolares?; b) Como está acontecendo a alfabetização integral na dimensão social nas Unidades Escolares?; c) Como está acontecendo a alfabetização Integral na dimensão ambiental nas Unidades Escolares? A investigação teve a abordagem quantitativa, o nível é de profundidade descritiva. Nos procedimentos metodológicos foi caracterizada como de campo e bibliográfica, a pesquisa se deu através de livros, periódicos e de plataformas da web destinadas a educação infantil e quanto à dimensão prática ela foi sistemática, apresentando perspectiva transversal, univariável e não experimental. A amostra da população é composta de 35 professores das turmas de alfabetização das escolas da zona leste da cidade de Teresina. A coleta de dados foi através da aplicação de questionário fechado tricotômico aos alfabetizadores. A justificativa para esse estudo teve a experiência como alfabetizadora, como norte para uma pesquisa dessa natureza, os anos como alfabetizadora e partiu das observações em sala de aula. No marco teórico se detalhou os conceitos de alfabetização Integral e suas vertentes pessoal, social e ambiental. As conclusões desta pesquisa revelam que as dimensões pessoal, social e ambiental são trabalhadas transversalmente através de conteúdos teóricos e práticos nas escolas. Na dimensão pessoal para os alfabetizadores as crianças tem apresentado uma evolução no desenvolvimento cognitivo e intelectual, demonstrado através de atividades das lúdicas propostas com este fim. Na dimensão social os alfabetizadores apontam que as presenças dos pais nas reuniões são imprescindíveis para partilhar os progressos das crianças e ainda nos aspectos sociais, principalmente no convívio das crianças com os colegas de classe e no convívio com familiares. Na dimensão ambiental segundo os alfabetizadores, ela se dá por meio de programação especial na semana do meio ambiente, e através de outras atividades em classe e extraclasse. Os conceitos de alfabetização integral vem demonstrar que existe uma relação natural entre as dimensões estudadas. Esta pesquisa deve contribuir para que os alfabetizadores procurem integrar ações tanto no aprimoramento das práticas pedagógicas que contemplem até outras dimensões não estudadas nesta pesquisa.

Palavras-chave: Alfabetização Integral; Dimensão Pessoal; Dimensão Social. Dimensão Ambiental.

Introdução

Para Anísio Teixeira (1977) a educação escolar deveria voltar-se para a formação integral da criança. Neste sentido, deveria romper com todo o modo tradicional, livresco e seletivo de se trabalhar e adotar uma prática educativa que considerasse os interesses, as aptidões, as habilidades e a realidade social de cada aluno. (1977, p. 58).

Anísio expressa sua ideia de educação integral, ao afirmar em a necessidade da expansão do sistema escolar. Defendia um sistema que permitisse à criança estabelecer relações entre a programação desenvolvida na escola e as atividades do dia-a-dia dos alunos.

Porque a escola já não poderia ser a escola parcial de simples instrução dos filhos das famílias de classe média que ali iriam buscar a complementação a educação recebida em casa, em estreita afinidade com o programa escolar, nas instituições destinadas a educar, no sentido mais lato da palavra... já não poderia ser a escola predominantemente de instrução de antigamente, mas fazer às vezes da casa, da família, da classe social e por fim da escola propriamente dita. (TEIXEIRA, 1962, p. 24).

É sabido que a Educação deve possibilitar: na alfabetização integral, as capacidades de aprendizagem, o desenvolvimento do raciocínio crítico, a criatividade, a aquisição de habilidades e competências, a ação no que diz respeito à transformação social, através de uma visão de mundo mais crítica, dando a eles condições efetivas para analisar e modificar a realidade onde se insere.

A justificativa para esse estudo é que há mais de 24 anos atuando como alfabetizadora, na rede municipal de ensino em Teresina, buscou-se nesta temática descrever como esta ocorrendo a alfabetização integral nas suas dimensões pessoal, social e ambiental nas unidades escolares do município, como também trazer para o âmbito deste estudo uma temática que está no centro das atenções da agenda dos gestores municipais do Piauí, tendo em vista o Programa de Alfabetização na Idade Certa-PNAIC do governo federal, que está em execução para minimizar os efeitos do analfabetismo infantil nas séries iniciais.

O problema está focado em identificar como está acontecendo o processo de alfabetização integral nas dimensões pessoal, social e ambiental dos alunos em unidades escolares de Teresina – Piauí. Para tanto se procurou formular perguntas específicas a partir deste problema para responder com uma investigação criteriosa e que pudesse tratar essa questão com maior profundidade: Como está acontecendo a alfabetização na dimensão pessoal dos alunos nas unidades escolares de Teresina-Piauí?; Como está acontecendo a alfabetização na dimensão social dos alunos nas unidades escolares?; Como está acontecendo a alfabetização na dimensão ambiental dos alunos nas unidades escolares?

Para tanto, a metodologia baseou-se em uma pesquisa bibliográfica e de campo onde foram aplicados questionários aos alfabetizadores das unidades escolares de Teresina-PI com o intuito que respondessem em que medida essas dimensões são vivenciadas nas unidades escolares fazendo com que os alunos apresentem desenvolvimento destas dimensões em sua vida escolar, que os levem a ter uma alfabetização que de fato sirva ao longo da sua vida.

Alfabetização e conceitos

De acordo com Batista (2006, p.16), a alfabetização, em sentido estrito “[...] designa, na leitura, a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em sons, e, na escrita, a capacidade de codificar os sons da língua, transformando-os em sinais gráficos.” Entretanto, esse conceito de alfabetização foi sendo progressivamente ampliado em função das necessidades sociais e políticas e hoje já não se consideram alfabetizados quem apenas codifica ou decodifica os sinais gráficos.

É considerado alfabetizado, quem além desses pressupostos, utilizam-se também destes mesmos pressupostos para se inserir em contextos sociais e ambientais.

[...] o processo de inserção e participação na cultura leitora e escrita. Trata-se de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade (placas, rótulos, embalagens comerciais, revistas, etc.) e se prolonga por toda a vida, com a crescente possibilidade de participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, como a leitura e redação de contratos, de livros científicos, de obras literárias, por exemplo. (VAL, 2006, p. 19)

O novo paradigma pedagógico que fundamenta as práticas de um processo de alfabetização comprometido com componentes sociais, políticos e éticos começou a ser desenvolvido a partir dos anos de 1960, orientado pelo pensamento do educador Paulo Freire (2006, p. 11), cujo princípio essencial é traduzido em sua máxima “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ainda hoje tão atual e revolucionário, na qual o educador explica que essa leitura vai se tornando mais compreensiva e clara, na medida em que nos tornamos mais íntimos dos nossos mundos.

A alfabetização é, dessa forma, compreendida como um processo contínuo, crescente e que se estende por todos os momentos da vida escolar, independente de ciclo, período, etapa ou segmento, não estando atrelada apenas às séries iniciais. A concepção ampliada de alfabetização proporciona a confortável situação atemporal de que nunca é tarde para alfabetizar e tampouco ser alfabetizado.

Outro indicador da compreensão estendida de alfabetização por toda a educação básica é o aumento da preocupação em relação à iniciação conhecimento. O desenvolvimento no grau de complexidade das demandas sociais exigem cada vez mais habilidades múltiplas, sendo necessário, por conseguinte, incluí-las numa perspectiva de aprendizagem de alfabetização integral. Nessa concepção está refletida a diversificação, a ampliação de novas abordagens e das possibilidades do uso da leitura, da escrita e dos modos de como os sujeitos interage na sociedade.

Diante do exposto, é preciso torna-se claro que juntamente com o trabalho de leitura estão presentes outros que permeiam a educação infantil e que de forma alguma deve ser introduzidas como um trabalho neutro, mas pelo contrário estão relacionadas entre si e propiciam melhor o desenvolvimento da criança, por exemplo, o trabalho como música, artes visuais dentre outras são imprescindíveis a inter-relação dos mesmos é fundamental.

De acordo com Soares (2010), a criança ao fazer uma leitura precisa lançar mão de várias estratégias que lhes são necessárias para ter agilidade e rapidez na aquisição da própria leitura, e acima de tudo é relevante propor para elas situações em que possa desenvolvê-las a partir do seu próprio cotidiano.

A escola precisa levar em conta que criança aprende a ler antes de estar imersa em um ambiente escolar e continua aprendendo fora dele. Além disso, sabe-se também que a alfabetização deve ser estimulada na Educação infantil, e sendo desenvolvido ao longo das séries subsequentes. Sendo assim o professor precisa está respaldado de uma metodologia que visa atender o conjunto de atividades que permite aos alunos a construir seus conceitos de leitura.

De acordo com TEBEROSKY e COLOMER (2003 pág., 83), o ponto de partida do currículo em educação infantil fundamenta-se em captar o processo que a criança efetua para compreender a escrita e a linguagem escrita.

Não se quer aqui reduzir o significado de alfabetizar, pois, segundo Soares, (1998), é a ação de alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever. É importante lembrar que está se referindo a crianças na faixa etária de cinco a seis anos, isso implicaria em tornar as aulas a partir de textos que seja interessante para os alunos e desperte interesse em participar das atividades.

Para Vygotsky (1991, p.133), ensinar à escrita nos anos pré-escolares requer que a escrita seja relevante à vida, que as letras se tornem elementos da vida das crianças, assim como a fala, acontece quando a criança passa a gostar de uma história e pede aos pais e educadores que seja repetida várias vezes, até que decorar a história. A linguagem escrita vai adentrando no mundo da criança pela literatura infantil, tornando-se tão normal e corriqueira quanto à linguagem oral. Começando-se com o que a criança gosta que sejam as histórias, logo ela irá se interessar em ler o mundo que a cerca e verificar como isso é possível.

Para Moran (2001) os meios de comunicação, operam imediatamente com o sensível, o concreto, principalmente a imagem em movimento. Combinam a dimensão espacial com sinestésica, onde o ritmo torna-se cada vez mais alucinante. Ao mesmo tempo utilizam a

linguagem conceitual, falada e escrita, mais formalizada e racional. Imagem, palavra e música; integra-se dentro de um contexto comunicacional afetivo, de forte impacto emocional, que facilita e predispõe a aceitar mais facilmente as mensagens. (MORAN, 2001 p. 33-34).

O processo de alfabetização é permeado mediante a sua natureza complexa e também pelos fatores políticos, sociais, econômicos e culturais. As crianças precisam ser protagonistas e, ainda a partir do seu aprendizado na área da alfabetização para que elas possam agir para a transformação de suas próprias vidas. Segundo Ferreiro e Teberosky (1979, p.14)

Para se alfabetizar, a criança precisa perceber que o que a escrita alfabética nota no papel são os sons das partes orais das palavras e que o faz considerando segmentos sonoros menores que a sílaba. No processo de construção desse conhecimento, as autoras apontaram que os sujeitos passam por diferentes fases que vão desde uma hipótese pré-silábica de escrita na qual o aprendiz não faz correspondência entre os segmentos orais e escritos das palavras, até a fase alfabética, quando percebe que as palavras são compostas de unidades sonoras como as sílabas e fonemas.

Porém, todos estes processos referentes à construção da escrita alfabética envolvem aprendizagens onde todos os percursos de ensino devem ser apropriados pelas crianças, havendo atividades diversificadas, atendendo os diferentes níveis de conhecimentos e havendo bons resultados nos conhecimentos construídos.

No entanto, para que as crianças produzam textos com autonomia, é preciso que as mesmas compreendam o funcionamento do sistema de escrita e atingir o processo alfabético da escrita não significa que esteja alfabetizado. Diante desta escrita com autonomia, necessita que as correspondências som-grafia sejam consolidadas, e este processo envolve questões demasiadas da natureza ortográfica.

Para finalizar este percurso referente ao processo de alfabetização e letramento, acrescenta-se que para haver uma organização no trabalho pedagógico, é necessário acima de tudo um processo de reorganização na sala de aula, e também no processo de ensino-aprendizagem.

Para que ocorra organização nas rotinas diárias, necessita-se pensar nos objetivos que estão sendo propostos diante da alfabetização e das definições das ações, procedimentos e técnicas, que atinjam certos objetivos e não estabelecer conjuntos de uma prática rotineira.

Soares (2003) coloca que a sala de aula de alfabetização deve ter o duplo objetivo: um primeiro consiste em ajudar a criança por meio da reflexão “sobre as características dos diferentes textos que circulam ao seu redor, sobre seus estilos, usos e finalidades” e um

segundo, implica em ajudá-las a se apropriar do sistema de escrita, para que tenha autonomia para interagir por meio da escrita.

Alfabetização na dimensão pessoal

“Para compreender o desenvolvimento da criança, precisamos compreender tanto a mudança como a consistência, tanto a universalidade como a individualidade” (BEE, 2003, p.62) e conceber o desenvolvimento como um processo contínuo que começa quando se inicia a vida (MUSSEN, 1980). Na perspectiva de Santos *et al.* (2005) o conceito de desenvolvimento foi transportado do domínio socioeconômico para o educacional com a intenção de explicitar a transformação do ser humano em interação com a realidade.

Por não se tratar de um processo linear e uniforme semelhante a todos os sujeitos, passa por fases de ruptura, mutação, adaptação que resultam da dinâmica relacional de diversos fatores (BRONFENBRENNER, 2002). Sendo assim, a primeira fase da vida é fundamental para o desenvolvimento da criança e tem um impacto relevante para a situação social e psicológica da mesma.

A educação integral aborda e atua concomitantemente sobre o ser humano em suas várias dimensões: individual - física, energética, afetiva, intelectual -, social, cultural, política, histórica, espiritual. Ao abarcar toda a complexidade humana, promove o desenvolvimento humano. Este, ao se tornar pleno, permitirá o surgir de uma nova consciência, de que a vida é congregação, uma grande cadeia de ser. Para aprenderem a crescer as crianças precisa de um ambiente emocionalmente rico, o que apoia a confiança em vez da desconfiança. O alicerçado desenvolvimento humano saudável é a confiança que emerge do relacionamento que se estabelece com os adultos, com primazia para a mãe.

Para Zabalza (1992) o desenvolvimento pessoal e social encontra-se intimamente ligado ao desenvolvimento da personalidade da criança implicando o desenvolvimento das suas capacidades, dotá-las de instrumentos e recursos necessários para assumirem um comportamento autónomo e responsável e serem capazes de enfrentar os problemas com flexibilidade e espírito inovador; e, ainda, pelo estabelecimento de parâmetros de relação entre a criança e os outros, o que pressupõe a aprendizagem de valores, normas e regras de conduta, modos de pensar e agir e apropriação de capacidades expressivas e comunicativas.

Cunha (2008) considera que a promoção do desenvolvimento pessoal e social deve basear-se em métodos ativos, facilitadores da aquisição de atitudes devendo, também, ser considerado um direito fundamental.

O desenvolvimento pessoal e social torna-se efetivamente viável, através da implementação de uma estratégia pedagógica devidamente estruturada. O Relatório para a UNESCO vem reforçar esta posição e o fato de a educação dever contribuir para o desenvolvimento integral das crianças, através daquilo que designa por pilares: aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser e aprender a conhecer.

Alfabetização integral na dimensão social

A Educação tem importante papel na formação do indivíduo, preparando-o para a vida social e cultural. Formando indivíduos criativos, expressivos e ativos, a Educação contribui para uma sociedade melhor e mais crítica. Segundo Paulo Freire (2007) “nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados” (p. 61).

De acordo com Vygotsky (2007), o indivíduo é produto e produtor de sua cultura, e nesse processo internaliza valores e conteúdos socioculturalmente compartilhados entre os indivíduos, contribuindo com isso para a formação de sua personalidade e para a construção de conhecimentos. Segundo Vygotsky (2001), o bom aprendizado é aquele que se adianta ao desenvolvimento do educando e traz a estes desdobramentos potenciais significativos, sob supervisão ou orientação do professor.

De acordo com Vygotsky (2007)

O aprendizado orientado para níveis de desenvolvimento que já foram atingidos é ineficaz do ponto de vista do desenvolvimento global da criança. Ele não se dirige para um novo estágio do processo de desenvolvimento, mas, em vez disso, vai a reboque desse processo. Assim, a zona de desenvolvimento proximal capacita-nos a propor uma nova fórmula, a de que o “bom aprendizado” é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento. [...] Desse ponto de vista, aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. (VYGOTSKY, 2007, p.102, 103,)

O desenvolvimento pessoal e principalmente social abrangem as aptidões necessárias para a criança compreender e lidar com seus sentimentos, interagir com outras pessoas e afirmar-se como pessoa. Esse desenvolvimento baseia-se na concepção piagetiana (PIAGET, 1978 e 1983), freudiana (TAVARES e ALARCÃO, 1999), Walloniana (WALLON,

1975), Bronfenbrenniana (BRONFENBRENNER, 2002) e Bruneriana (BRUNER, 1998) cuja tônica se coloca no desenvolvimento produzido pelo ser humano, no interior das relações que estabelece entre si e com a natureza, no seu relacionamento com os pais e outras pessoas, abrange o que ela acha de si mesma, como aprendiz, e o seu sentido de responsabilidade perante si e os outros.

“O desenvolvimento implica a hereditariedade e o meio” (GLEITMAN *et al.*, 2003; BEE, 2003). Na perspectiva de Santos *et al.* (2005) o desenvolvimento pessoal e social não segue modelos nem apresenta limites, é aberto, atento e solidário, experiencial, pelo facto de as experiências ocasionarem momentos de vivência pessoal (únicas, intransferíveis e inadiáveis), vivências de estar no mundo e participar na sua construção e vivências de crescimento.

Monteiro *et al.* (2001) referem Costa (1995) e a escala do desenvolvimento pessoal e social que elaborou. A referida escala é composta por níveis, cuja base diz respeito à identidade e do topo à plenitude. Assim, o desenvolvimento pessoal e social culmina com os vários níveis da escala, sendo que, a identidade passa pela própria compreensão e aceitação e pela compreensão e aceitação dos outros, e a plenitude culmina com momentos da vida, em que o ser e o querer ser se encontram.

Alfabetização integral na dimensão ambiental

A alfabetização ecológica ou ambiental trata da construção do conhecimento a partir de experiências práticas e atitudes que levam a interiorização de novos valores. O conhecimento é sistêmico. Demo (2007) coloca que “o sistema se assemelha a colcha de retalhos de sub-redes armadas por um processo complexo de arranjos, muito diverso de desenho limpo e unificado.” Essa abordagem abrangente permite a visão de que problemas e soluções envolvem diversos grupos e variados olhares que precisam ser percebidos na hora da tomada de decisão.

O processo de aprendizagem na alfabetização ambiental desenvolve autonomia e se assemelha com o pensamento do sociólogo Pedro Demo no que se refere a aprendizagem. Capra (2006) cita “quando você ensina algo a alguém, você está privando a pessoa da experiência de aprender isso”. Você precisa tomar cuidado para não tirar essa experiência de ninguém. Já Demo (2007) diz que: “a melhor maneira de aprender não é escutar aula, mas pesquisar e elaborar com mão própria, sob orientação do professor...”.

A aula atualmente é vista como “*café requentado*”, onde professores, por não saberem estudar e aprender repassam conhecimento ultrapassado e o aluno, por sua vez, reproduz mecanicamente tais “*conhecimentos requentados*”. O processo de aprendizagem precisa gerar indagações, rever valores e estimular o processo de autoria. O aluno precisa tirar conclusões próprias.

Assim, pode-se pensar o ambiente e a Educação Ambiental de forma a reduzi-los aos aspectos relativos à fauna, flora, ar, solo e água. Pode-se, no entanto, ampliar o conceito e adotar o modelo de DIAS (1992), abordando os aspectos políticos, éticos, sociais, científicos, econômicos, tecnológicos, culturais e ecológicos, por exemplo. Compartilha-se, no entanto, de um pensamento no qual o ponto de partida é o ambiente interno de cada ser humano. Não no sentido antropocêntrico, mas porque parte-se do princípio de que o ambiente interno de cada ser humano está interconectado com o planeta e com o cosmos. É onde começa a compreensão do conceito de rede e de interconexão, de interdependência, de teia da vida.

Considerações finais

Muitos autores tem estado em permanente estudo sobre o desenvolvimento pessoal, social e ambiental da criança e, mais recentemente, do seu desenvolvimento em contextos coletivos. Dado ser nos primeiros anos de vida que se estabelecem as bases para o desenvolvimento intelectual, emocional e moral sendo esses aspectos ou dimensões imprescindíveis o acompanhamento destas pelas respectivas famílias, mais precisamente a mãe. Contudo, a mãe-trabalhadora, após o término da licença de maternidade, que obrigatoriamente tem de regressar ao seu posto de trabalho, necessita de selecionar um dos vários tipos de acolhimento (babás, avós, empregada ou creche, etc.), para tomar para eles a tarefa de acompanhar, orientar as crianças no seu percurso de desenvolvimento.

Na pesquisa efetuada com os alfabetizadores das unidades escolares de Teresina-PI, as respostas aos questionários aplicados apontam que na dimensão pessoal as crianças tem apresentado uma evolução no desenvolvimento cognitivo e intelectual, demonstrado através de atividades das lúdicas propostas com este fim que o lúdico é uma saída para desenvolver aspectos pessoais como o autoconhecimento, melhoria da integração e interação social.

As atividades lúdicas contribuem para o desenvolvimento da criança, pois colabora na sua formação de homem autônomo, na formação comunitária, em seu desenvolvimento pessoal e consequentemente no desenvolvimento de seu pensamento crítico e na autoestima.

Brincando a criança aprende a conviver, a esperar por sua vez, aceitar regras, independente do resultado, e a lidar com frustrações sem deixar que isso interfira na sua vida. Além disso, a criança desenvolve sua linguagem, pensamentos, atenção, concentração, conseguindo, assim uma participação satisfatória da criança na construção do seu conhecimento. O lúdico é tão importante para o desenvolvimento da criança, que merece atenção por parte de todos os educadores. Cada criança é um ser único, com anseios, experiências e dificuldades diferentes.

A pesquisa também apontou que na dimensão social os alfabetizadores respondem que as crianças que tem a presença dos pais nas reuniões na escola, apresentam melhor rendimento, já que as reuniões são imprescindíveis para partilhar os progressos das crianças e ainda nos aspectos sociais, principalmente no convívio das crianças com os colegas de classe e no convívio com familiares.

Na dimensão ambiental segundo os alfabetizadores, ela se dá por meio de programação especial na semana do meio ambiente, e através de outras atividades em classe e extraclasse. O ensino em contextos com uma forte presença da educação ambiental vem proporcionar as crianças o cuidado com consigo mesmo e com o outro em interação constante com o meio ambiente, as escolas brasileiras ainda carecem de programas inseridos no seu currículo escolar que despertem nas crianças o interesse por essas questões.

A educação se apresenta, nos dias atuais como melhor opção na tentativa de construir um mundo sustentável para as futuras gerações. A Educação Ambiental é relacionada aqui como fundamental na formação do cidadão. Esta extrapola os muros da escola e deve ser oferecida em todos os seguimentos da sociedade com caráter permanente num processo dinâmico e integrativo induzindo mudanças de atitudes e formação de uma nova consciência na relação homem/natureza..

Por essa razão, o lócus da Educação Ambiental não é apenas o aspecto ecológico de uma dada questão ambiental, mas também se caracteriza por incorporar as dimensões socioeconômicas, políticas, culturais, históricas, entre outras.

Para Jacobi (2003)

A postura de dependência e de falta de responsabilidade da população decorre principalmente da desinformação, da falta de consciência ambiental e de um déficit de práticas comunitárias baseadas na participação e no envolvimento dos cidadãos, que proponham uma nova cultura de direitos baseada na motivação e na co-participação da gestão ambiental das cidades.

A educação para a cidadania se apresenta como um elemento determinante na formação de indivíduos participantes e ativos para assumirem a responsabilidade de cumprir seus deveres e lutar por seus direitos. Na educação infantil é preciso despertar nas crianças através de estímulos, a construção de uma cidadania ativa.

A alfabetização ecológica foi desenvolvida pelo físico Fritjof Capra no Centro de Ecoalfabetização (*Center for Ecoliteracy*), localizado em Berkeley, Califórnia. Sumariamente, pode-se dizer que Capra (2005) propõe a ecoalfabetização como uma busca por maneiras de operacionalizar a sustentabilidade ecológica, sugerindo que, para isso, procurem-se inspiração nos ecossistemas naturais, que são comunidades sustentáveis.

Os conceitos de alfabetização integral vem demonstrar que existe uma relação natural entre as dimensões estudadas. Esta pesquisa deve contribuir para que os alfabetizadores procurem integrar ações tanto no aprimoramento das práticas pedagógicas que contemplem até outras dimensões não estudadas nesta pesquisa.

Bibliografia

BATISTA, Antônio A. G, (2006): Alfabetização, leitura e escrita. In: Carvalho, Maria A. F. & Mendonça, Rosa H. (org.). Práticas de leitura e escrita, Ministério da Educação, p. 13-17. Brasília-DF

Bee, Helen. (2003): A criança em desenvolvimento, Artmed, Porto Alegre-RS

Bronfenbrenner, Urie. (2002): A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados, Artmed, Porto Alegre-RS

Bruner, Jerome, (1998): O processo da educação, Edições 70. Lisboa Portugal

Capra, Fritjof, 2003): Alfabetização ecológica: O desafio para a educação do Século 21. Construtivista, Artmed. Porto Alegre-RS

Demo. Pedro. (2007): Leitores para sempre, 2ed. Mediação, Porto Alegre-RS

Ferreiro, Emília; Teberosky, Ana.(2003): Brasil: Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio á Gestão Educacional. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio á Gestão Educacional, MEC, SEB, Brasília -DF

FREIRE, Paulo. (2011) Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra, 2011.

Gleitman, Henry; Fridlund, Alan J.; REISBERG, Daniel. (2003): Psicologia. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal.

Monteiro, Denise *et al.* Resiliência e pedagogia da presença: intervenção sócio pedagógica no contexto escolar. <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/fundam01.htm#refteo>, 2001.

Moran, José Manuel. (2001): et al. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.*, 3ª ed, Papirus.Campinas.São Paulo.

Mussen, Paul H. (1998): O desenvolvimento psicológico da criança. Zahar Editores. Pedagógica, v. 4, n. 20, p. 83-85, mar/abr. Rio de Janeiro.

PIAGET, Jean. (1983): *Problemas de psicologia genética*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, Portugal.

PIAGET, Jean. (1978): *Seis estudos de psicologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

Rosa H. (org.). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Ministério da Educação, 2006. p. 13-17.

Santos, A. A. A. (2005). A influência da consciência fonológica na aquisição da leitura e da escrita. In F. F. Sisto et al. (Eds.), *Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar* (pp. 213-247). Vozes.Petrópolis.

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, Jan. Fev. Mar. Abr/2004. São Paulo.

SOARES, Magda. (1999): *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. Ed., Autêntica: Ceale, 1999. Belo Horizonte MG

Soares, Magda. (1986): *Alfabetização: Dilemas da Prática Dois Pontos*, Ed Ltda, 1986. Rio de Janeiro.

TAVARES, José e ALARCÃO, Isabel. (1999): *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*, Livraria Almedina, Coimbra, Portugal

TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. *Aprender a ler e a escrever: uma proposta*

Teixeira, Anísio (1997): *Educação para a democracia*, Ed. UFRJ, 1997. Rio de Janeiro

VAL, Maria G. C. (2006): O que é ser alfabetizado e letrado? *In: Carvalho, Maria A. F. & Mendonça, Vozes, São Paulo.*

VYGOTSKY, L.S.(1983-2002): *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos Processos Superiores*. 6ª ed.Martins Fontes. São Paulo

WALLON, Henri.(1975): *Objectivos e Métodos da Psicologia*. Lisboa: Editorial Estampa, Lisboa Portugal.

ZABALZA, Miguel.(1992): Didáctica da educação Infantil. Edições ASA, 1992.Rio Tinto, Espanha